 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 051. Performances e marcas da religião na cidade

Emerson Giumbelli (UFRGS) - Coordenador/a, Edilson Pereira (UERJ) - Coordenador/a, Christina Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a O tema da religi?o encontra na Antropologia uma longa tradi??o, com pesquisas seminais sobre o seu papel na vida social e suas formas de express?o material e simb?lica. Performance, por sua vez, tornou-se tema de estudo antropol?gico especialmente nas ?ltimas d?cadas do s?c. XX, em prof?cuo di?logo com outros campos de conhecimento. Notabilizou-se, sobretudo desde os anos 1990, a presen?a da religi?o em gram?ticas e est?ticas acionadas por atores identificados com os mundos da pol?tica, da cultura, do turismo, do crime em intera?es materializadas e/ou que se desenrolam em ??reas p?blicas?, periferias e outros espa?os citadinos. Ao aproximar esses temas, o GT busca avan?ar sobre fronteiras conceituais e metodol?gicas na investiga??o de modalidades de a??o e comunica??o no espa?o urbano, dando ?nfase a performances e materialidades. Trata-se de uma via de acesso aos processos sociais que refletem o papel da religi?o na experi?ncia urbana e nas modalidades de compreens?o da cidade. Deste modo, interessam-nos estudos etnogr?ficos que enfatizem composi?es, conex?es, controv?rsias e disputas entre atores sociais que articulam espa?o urbano e religi?o a partir de performances e marcas (monumentos, arquiteturas etc.) com inflex?es mais amplas na vida social. Nosso objetivo ? reunir estudiosos que, interessados em din?micas do religioso da e na cidade, apresentem abordagens criativas sobre movimentos e intersec?es performadas entre valores, est?ticas, territ?rios e temporalidades.

Uma nova criatura: A experiência de conversão de mulheres transexuais

Autoria: Hugo Felipe Quintela

O tema dessa pesquisa é a experiência de conversão de mulheres transexuais a igrejas evangélicas de características não inclusivas. Tomando como proposição inicial que é notoriamente emblemática a relação entre o cristianismo evangélico brasileiro e as identidades LGBTs. Sendo assim, a conversão de mulheres transexuais a igrejas cristãs evangélicas seria, a principio, uma experiência um tanto quanto contraditória e incoerente. Desse modo, é interesse dessa pesquisa refletir essa possível ?contradição? ou ?incoerência?. Todavia, é meu interesse entender essa possível contradição ou incoerência. Sendo assim, quais os sentidos e significados do corpo e suas práticas corporais, gênero e sexualidade e religiosidade em especial, a partir das suas vivências, que essas mulheres produzem a partir experiência de ?conversão? a religião evangélica? Quais experiências são produzidas por essas mulheres ao aderirem essa religião como elemento modulador da sua visão de mundo? De que maneira as instituições religiosas evangélicas tem interpretado a adesão de mulheres na transexualidade em seu corpo de fiéis? Fato que é um questionamento complexo. Todavia, ouso sugerir, para início de discussão, que essas mulheres, ao aderirem à religião, correndo o risco de serem ?contraditórias? e ?incoerentes?, estão em processo, nos termos de Gilberto Velho, de negociação da realidade, com toda a possibilidade socioantropológica dessa expressão. A hipótese, ainda que incipiente, é que as mulheres na transexualidade que se convertem ao cristianismo evangélico exercem essa capacidade de negociação porque, a um só tempo, por um lado contestam a heteronormatividade ao romperem com as normas de gênero por meio das mudanças corporais e por outro lado confirmam essa mesma heteronormatividade ao aderirem a uma religião que reflete e produz uma visão de mundo pautada por essa heteronormatividade. Também coloco como possibilidade de hipótese, mesmo que de forma primária, que uma mulher na transexualidade ao se converter a religião evangélica pode estar em busca de uma ?moralização? da sua experiência por meio da adequação as práticas da religião cristã evangélica. Dessa maneira, o tema dessa pesquisa versa sobre as relações e produção de significados a partir da inserção de

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> mulheres na transexualidade em igrejas evangélicas não inclusivas e a forma como essas são produzidos os significados das relações de gênero, da sexualidade e do corpo, tanto dessas mulheres quanto da instituição religiosa as quais elas se inserem. Nesse sentido, podemos questionar: se a transexualidade é uma vivência que entra em conflito com a religião cristã evangélica, como essa negociação da realidade é feita entre as mulheres na transexualidade e as instituições religiosas?

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**